

# SUGESTÕES DE ATIVIDADES



## Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão

Adriano Messias

Ilustrações Andrea Corbani

ISBN: 978-85-88159-49-5

13,5 x 18 cm | 116 páginas

**CARO(A)  
PROFESSOR(A),**

As atividades presentes neste roteiro de leitura são apenas sugestões e não devem limitar a potencialidade de trabalho e nem a criatividade do(a) professor(a) em sala de aula. Você poderá adaptá-las à realidade de sua escola e de sua turma, bem como à faixa etária de seus(suas) alunos(as), podendo criar outras atividades que julgue mais adequadas. Lembre-se que as atividades devem priorizar aspectos lúdicos e reflexivos, despertando nos alunos, assim, o desejo de mais e mais descobertas a partir dos livros.



## CONHEÇA A HISTÓRIA ::

No segundo livro da série temática “Contos Para Não Dormir”, Adriano Messias mergulha seu personagem André no universo de histórias de assombrações que têm alguma relação com **elementos africanos** aculturados em nosso país. São narrativas que vão desde a do moleque de cera, presente no imaginário de vários povos que tiveram escravidão, passando pelo Quibungo (uma espécie de bicho-papão que se adaptou às terras baianas, provavelmente trazido pelos negros bantos dos atuais países Angola e Congo), chegando até os orixás – deuses cultuados pelo povo iorubá, que são mostrados como ricos em simbologias. O leitor ainda irá se deparar com lendas que foram **adaptadas e recriadas** pela invencionice negra, envolvendo o Caipora, o Corpo Seco (um tipo de zumbi) e até mesmo um lobisomem.



## CONHEÇA O AUTOR ::

Adriano Messias tem vários livros publicados pela Editora Biruta e por outras editoras, também trabalha como tradutor e tem muita satisfação em conversar com professores e alunos. Seu e-mail é: [adrianoescritor@yahoo.com.br](mailto:adrianoescritor@yahoo.com.br).

## CONHEÇA TODA A SÉRIE ::

1. Histórias mal-assombradas em volta do fogão de lenha
2. **Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão**
3. Histórias mal-assombradas de um espírito da floresta
4. Histórias mal-assombradas do Caminho Velho de São Paulo
5. Histórias mal-assombradas de Portugal e Espanha

Os livros não precisam ser lidos na ordem de publicação. Cada volume conserva o personagem principal, mas cada narrativa é independente das anteriores.



## COMO TRABALHAR COM O LIVRO ::

Dentre alguns núcleos temáticos, destacamos:

- Elementos provenientes da **cultura negra**, trazidos da África pelos escravos e recontados entre nós, elementos adaptados ou reaproveitados, que já existiam na fermentação cultural brasileira – a qual, desde o século XVI, já possuía narrativas indígenas misturadas com caboclas e europeias (como as duas que envolvem o Caipora) –, ou simplesmente histórias que faziam parte do cabedal de contos que as velhas negras amas-de-leite contavam a seus tutelados (como a da mulher que não morria). Esta africanidade variante pode ser ressaltada pelo professor após a leitura. Por exemplo: nem tudo o que dissemos ser “africano” tem relação direta com a África.
- **Questões étnicas** – A amizade entre uma velha negra e um menino branco faz parte das questões relacionadas ao encontro entre gerações. André e Bá Maria – uma negra não estereotipada – mostram um sentido mais amplo de família, para além de vínculos sanguíneos. Com mais de 100 anos, ela é dotada de grande vigor e vontade pessoal em tudo o que faz, apesar da história de vida trágica.
- A abordagem das **inseguranças, medos e dificuldades** próprias do crescer, do tornar-se adolescente e, poste-

riormente, adulto, também é uma temática recorrente no livro. As “assombrações” podem também ser entendidas, simbolicamente, como representações das lutas humanas em busca do autoconhecimento.



## NARRATIVA ::

A narrativa do texto possui uma linguagem dinâmica, atual, mesclando alguns elementos regionais, que são sempre explicados.

Na forma de notas de rodapé ou inserido no próprio discurso do personagem, o autor ora explica, ora instiga o aluno a pesquisar e a descobrir por si mesmo alguma coisa que talvez não saiba. Há brincadeiras em notas de rodapé do tipo: “vá até o dicionário”, “você já sabe: dicionário”. O objetivo é mostrar ao leitor que ele não tem de saber tudo quando lê e, sempre que quiser, pode ter a autonomia de fazer suas próprias explorações linguísticas.

O **narrador** (sempre em primeira pessoa e no tempo presente), na verdade, não sabe muito, ou melhor, acaba sabendo tanto quanto o próprio leitor, tornando-o cúmplice das peripécias de André.



## ENTRANDO NO LIVRO PELOS ELEMENTOS VISUAIS ::

Há coisas simples que você pode fazer com seus alunos e que serão fundamentais para formar futuros bons leitores. Que tal entrarem na leitura do livro pelos elementos

visuais e materiais? Eles podem dizer muito sobre o livro, além de instigar a leitura.

- **Capa e orelhas** – Antes de os alunos começarem a ler *Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão*, mostre o livro a eles e peça para que percebam como ele foi planejado. O que a capa sugere? Há nela uma imagem em roxo um tanto figurativa, mas sem contornos muito definidos: com qual assombração ela se parece? Se não soubessem o título, que tipo de livro imaginariam ser aquele?
- **Ilustrações** – Ao folhearem o livro, os alunos descobrirão ilustrações: o que elas dizem de antemão sobre as assombrações ou as situações que estão por vir? Elas dão medo? O que nelas sugere um universo próximo ao africano?
- **Xilogravura** – Duas técnicas foram utilizadas para ilustrar o livro: a aquarela e a xilogravura (gravura sobre madeira). Esta última proporciona um diálogo com um universo popular brasileiro. Muito utilizada em literatura de cordel, a xilogravura abre a discussão sobre formas de se representar artisticamente. Que efeitos as xilogravuras do livro deram e que sensações transmitiram?

No capítulo “Conhecendo os orixás”, vários desenhos menores em aquarela representam instrumentos da indumentária dos orixás do candomblé. Todas as representações de vestes e ornamentos de orixás podem ser pesquisadas pelos alunos, desdobrando-se em várias atividades ligadas à Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte.



## PRÓLOGO: CAMINHO PARA UM DIÁRIO

Cada volume da série tem um “Prólogo”. Como o texto é narrado em primeira pessoa, as declarações intimistas do personagem criam oportunidade para o professor trabalhar com sua classe a narrativa autobiográfica e, a partir disso, desenvolver vários projetos, como o da escrita de um diário.

- **Biografia breve do colega** – Uma boa atividade para dar início à proposta seria fazer com que os alunos se assentassem dois a dois e fizessem uma breve descrição biográfica sobre o colega que está à sua frente.
- **André e eu: semelhanças e diferenças** – Outra atividade é pedir aos alunos para lerem o “Prólogo” e depois buscarem semelhanças entre a vida de André e a vida deles, ou a vida de alguém que conheçam (no caso das meninas, caso elas não queiram se identificar com um personagem masculino). Eles podem fazer duas colunas em uma folha e marcarem o que têm em comum e o que têm de diferente. A partir disso, podem imaginar se conseguiriam ser bons amigos de André, por exemplo.
- **Criando um diário** – A partir da ideia geradora da autobiografia, pode-se propor aos alunos a criação de um diário, à semelhança do “Prólogo” do André. Cada diário teria uma capa criada pelo seu dono, em um caderno organizado especialmente para essa finalidade.



## VIAJANDO COM O TEXTO

Há diversas questões no texto do livro que podem render atividades:

- **Culturas africanas** – O livro abre para o professor a oportunidade de se trabalhar várias questões ligadas às culturas (plural!) africanas.
- **Religiões africanas** – A religiosidade foi um forte elemento agregador para os povos africanos que chegaram a nosso país na condição de escravos, e sua adaptação e reinvenção em solo brasileiro deu origem às variadas nações de candomblé (uma das mais conhecidas é a nação Ketu, que cultua os orixás) e também ao tambor de mina, ao batuque e às religiões mais sincréticas, como a umbanda e o catimbó. Especificamente no livro, o autor se refere a alguns dos orixás. Há vários outros, que podem ser pesquisados e incluídos em diversas atividades.
- **Enriquecimento linguístico** – A língua portuguesa falada no Brasil tem 120 mil verbetes a mais do que a falada em Portugal, o que se deve às contribuições de idiomas africanos e indígenas. Por meio das falas de Bá, o professor pode criar atividades que explorem estas contribuições: xodó, bunda, tijolo, zureta, chuchu, muvuca, mumunha, angu, batuque, cachimbo, calombo e maluco estão entre elas. Uma atividade produtiva seria tentar escrever um texto com o maior número possível de palavras que vieram de idiomas africanos para nossa língua.
- **Intertextualidade** – Uma das formas de se trabalhar a intertextualidade com seus alunos, independentemente da idade deles, é pedir que relacionem o livro

lido com outros livros, filmes ou histórias ouvidas. O livro apresenta um trecho retirado de *Os Escravos*, de Castro Alves, e também comenta a origem da história do moleque de cera (*Histórias do Rio Remo*, J. C. Harris, a qual retrata um esperto coelho do Sul dos EUA, o “Brer Rabbit”, que passará pela mesma experiência do macaco do livro: ficará preso em uma armadilha de piche).

- **Gastronomia e contação de histórias** – Há no texto do livro algumas referências a alimentos. De origem africana, temos o inhame. O livro ainda fala da batata-doce (que é originária dos Andes) e de uma estranha bebida de milho e abacaxi que André bebe com Bá. Trata-se do aluá, de procedência indígena. Comem ainda pipoca e lombo de porco. Todas as comidas no livro têm uma relação com comidas de interior. Quase sempre, os personagens estão comendo no momento em que também contam histórias. Por que este ritual de contação quase sempre solicita algum tipo de comida? No interior de Minas, é muito comum comer e bater-papo. Este é um tópico que pode ser explorado pelo professor: falar dos usos e costumes em torno da comida e do bate-papo na família de cada aluno, no ambiente urbano e no rural, buscando fazer contraposições e encontrar semelhanças.
- **A avó e Bá** – A segunda personagem coadjuvante mais importante neste livro é a Vó Tutuca, que é descrita como uma avó tradicional. Ela e Bá podem ser compreendidas como figuras opostas? Elas se contrapõem ou se complementam?
- **“Dicionário Tenebroso”** – Pode-se propor aos alunos que façam um dicionário com as assombrações men-



cionadas no livro. Esse dicionário pode ser um *blog* coletivo de sua classe na internet, por exemplo.